

INOVAÇÃO EDUCACIONAL E IDEOLOGIA: UMA RECOLOCAÇÃO

M. LOURDES MANZINI COVRE

RESUMO

Dando continuidade ao debate iniciado no número anterior dos *Cadernos de Pesquisa*, este texto procura recolocar o conceito de ideologia segundo a teoria marxista, de forma a re-examinar as ligações entre ideologia e tecnologia educacional propostas no trabalho anterior.

SUMMARY

The author continues the debate started in the previous issue of the *Cadernos de Pesquisa*. She tries to rediscuss the concept of ideology as defined by marxist theory, to permit a re-examination of the relationships between ideology and educational technology as proposed in the previous article.

O artigo¹ em debate poderia ter o mérito de fomentar a discussão entre ideologia e inovação educacional. Entretanto a construção dos conceitos utilizados se nos apresenta como insuficiente para compreender e explicar a realidade social. A sua leitura levou-me a algumas reflexões que exponho abaixo.

No plano geral do trabalho, apreende-se uma certa duplicidade metodológica, ainda que não conflitante, ou seja, se a epígrafe² é de conteúdo funcionalista, no corpo do texto, os conceitos de ideologia e de inovação educacional parecem ter mais uma roupagem idealista e de certa forma, com pretensão crítica à dialética. A ideologia é apresentada como um fenômeno "desvinculado", sem articulação com o real, acima da existência dos homens. Seria pensada a sua criação como obra de intelectuais "autônomos"? Reflete no conceito de inovação educacional o mesmo processo de criação "autônoma", e neste sentido os educadores (e/ou cientistas sociais voltados para a educação) devem encaminhar o processo de mudança educacional, através da escolha do que "pretendem", o que se reveste, segundo a autora, em uma "opção política". Do conceito de ideologia para o de inovação educacional depreende-se que este último está na dependência portanto da *vontade*? Se retivermos do texto certa ênfase na *tecnologia*, no caso, na tecnologia educacional, como instrumento eficaz para concretizar a "opção política" poderíamos dizer que se trata de um voluntarismo político do tipo manheimiano?

Retomemos mais sistematicamente estas indagações.

Logo de início, pareceu-me ociosa a discussão entre "os adeptos do ideologismo e do anti-ideologismo (que) tem produzido afirmações ora de condenação, ora de valorização da ideologia", e do querer apontar as "misérias" e as "grandezas" da ideologia referente a inovação educacional; mas é ela mesma que revela a postura teórica da autora, aparentemente de cunho "neutro", pesando cá e lá, tomando certo partido entre "misérias" e "grandezas". Na realidade, a sua não crítica a este "anti-ideologismo", já é uma assimilação parcial do mesmo, visto que esta posição "anti-ideológica" é, em si, uma postura ideológica, uma postura política. No decorrer da exposição, isto ficará melhor amparado.

Nesta mesma linha de construção "vaga" é que a autora erege seu conceito de ideologia. Em determinado momento do texto, parece que vai nos ser apresentado a sua concepção de ideologia, quando afirma "...quem colocou pela primeira vez a questão da ideologia foi o velho Marx... Ao criticar os 'ideólogos' alemães, Marx os acusava de pretender resolver as questões práticas da época, no plano das idéias, e opunha a isto um pensamento prático ativo, concreto. Nesta inspiração original,

"ideologia era uma palavra pejorativa, que designava uma concepção falsa da realidade utilizada (...) pelas classes dominantes para iludir as pessoas e justificar o seu poder. A oposição não teria ideologias, já que lidaria com a própria realidade sem precisar ocultá-la. — Na nova escolástica que é hoje grande parte do marxismo, a ideologia perde muitas vezes seu sentido inicial e surge como representando o 'nível da consciência', ou seja tudo o que tem a ver com idéias, valores, conhecimentos, etc. dos diversos grupos sociais".

Compreende-se algum conceito de ideologia por aí? Estaria encampando esta parte em que o conceito refere-se à ideologia de qualquer grupo? Mas se assim for, em relação a estrutura econômica e política desses grupos sociais, como se situariam estas "ideologias"? Não se sabe. Durante todo o texto não fica explícito a quem se refere a ideologia³. Pelo exerto acima, na verdade não há apreensão plena do que é ideologia, nem em Marx, nem na "escolástica marxista de hoje".

Se a autora retivesse a parte que menciona do "velho Marx" na crítica aos ideólogos alemães, deveria perceber então, algo que está ausente em seu trabalho, ou seja, que não se pode ter ideologia, educação, inovação educacional nas "alturas", sem "tombar" de alguma forma ao terreno "concreto" da produção social, a que estes fenômenos estão referidos; embora frutos da "consciência", não existem sem sua relação orgânica com a existência dos grupos sociais, ou seja, com suas condições materiais de vida. É no nível da produção material que se origina a contradição fundamental entre forças produtivas e as relações de produção, contradição que se reflete nas classes sociais, de forma a levar uma delas, devido a sua posição privilegiada diante dos meios de produção, a se apropriar do trabalho de outra. Classe esta que para legitimar estes privilégios erege o Estado, uma ideologia específica, etc. De tal forma que 'as idéias da classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes; isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espírita* dominante" (Marx, 1977, p. 72). Assim os outros grupos sociais (classes subalternas e classes auxiliares) também possuem "sua ideologia", mas estas estão permeadas pelos valores fundamentais dominantes, mais ou menos intensamente, dependendo da posição que estes grupos ocupam na estrutura social⁴. Há que se ressaltar ainda que esta ideologia dominante está perpassada de contradições, reflexo das contradições oriundas da essência do próprio sistema capitalista, marcadas ao nível econômico.

Recolocado, grosso modo, o conceito de ideologia, observa-se que a autora está preocupada com a relação (ou não relação) da ideologia e inovação educacional, e esta enquanto instrumento de "mudança social". Isto nos

¹ Inovação Educacional: Grandezas e Misérias da ideologia, Maria Amélia Azevedo Goldberg, CADERNOS DE PESQUISA (32), fev. 1980, pp 60-64.

² Epígrafe: "Não leia" para contradizer e contestar ou para acreditar e tomar como certo nem para descobrir assunto de conversa. *Leia*, isso sim para pesar e considerar," Bacon (1561-1626).

³ Na página final, menciona a necessidade de uma "ideologia de inovação educacional", mas também não a situa estruturalmente. O mesmo se dá com uma tipologia de inovação educacional de que se serve retirada do C.O.P.I.E. — 1978, construída somente ao nível das "idéias", do "político".

⁴ Quanto ao esclarecimento de que "a oposição não teria ideologias, já que lidaria com a própria realidade, sem precisar ocultá-la", virá logo a frente, quando abordarmos o conhecimento científico na perspectiva dialética.

leva a continuidade de considerações de cunho metodológico.

Se a perspectiva do texto fosse funcionalista, a concepção de inovação educacional seria a ciência aplicada, seria a técnica resultante do conhecimento científico isento, ou seja, nesta perspectiva, a ideologia, os valores, seriam fatores extra-científicos. Embora isto não seja totalmente descartável para a autora, neste texto⁵ ela parece pretender incorporar a ideologia, porém mais uma vez, de forma esvaziada. Na página final do artigo, depois de dar como "falso dilema" a disputa entre ideologia e alienação, diz que a solução está na "busca de uma ideologia da inovação educacional", conceito desvinculado do real, dado que em nenhum momento do texto, explicitou a quem esta serve. A alusão a esta "ideologia de inovação educacional" está relacionada à dependência de uma escolha, de uma "opção política", que vai entre "ser o melhor para o maior número (ou) o melhor para o menor número", e "que possua eficácia e eficiência no nível da ação concreta", bem como de encaminhar através da educação o processo de mudança mais inclusivo, o da sociedade, para vários caminhos a serem escolhidos⁶. Permanecem af as mesmas indagações anteriores. À que grupo se liga esta "ideologia de inovação educacional"? Os educadores que a criam, que a veiculam, estão desvinculados de uma classe social? Trabalham uma "opção política" para o "bem de todos", espelhada no "ser o melhor para o maior número"? Pretende a autora que haja melhoria da sociedade através da educação como técnica social supra-classe? O fato é que a perspectiva idealista também não dá conta da realidade. Apreende-se, além disso, nas formulações da autora, traços da "nova" ideologia dominante, a ideologia neocapitalista, à que retornaremos.

De momento, há que se reter que o conhecimento científico, no setor humano do mundo, não é isento, ou seja, ele é um conhecimento histórico, está comprometido com uma das classes fundamentais do processo de desenvolvimento. Não desconecta o prático e o teórico, isto é, a teoria não é isenta, mas deve responder pelo movimento real da História, pelos determinantes essenciais do processo de desenvolvimento, senão torna-se ideologia.

Nesse sentido, a "inovação educacional" como forma caudatória do processo de desenvolvimento global só adquire seu sentido real se contribui para o processo de desenvolvimento histórico. Queremos dizer com isto que ela deverá ser produto de intelectuais orgânicos da classe subalterna, que sejam capazes de fazer ligação orgânica entre existência e consciência, estrutura e supraestrutura, isto é, que as teorias de inovação educacional criadas expressem a estrutura e necessidades do encaminhamento do processo de desenvolvimento glo-

bal. Não esquecer que o "próprio educador deve ser educado" e de que "as circunstâncias fazem os homens assim como os homens fazem as circunstâncias" (Marx, 1977, p. 56) que permitem refletir mais certamente sobre a relação "inovação educacional" e processo de "mudança".

Porém ressalte-se a dificuldade de modificações educacionais reais dada a própria hegemonia da classe dominante⁷. Em sua maior parte, elas serão obviamente inovações que vem atender às necessidades da etapa atual do Capital. Serão formulações, portanto, da "nova" ideologia⁸, da ideologia neocapitalista. Este viés neocapitalista está presente no texto em foco, como panorama geral; entretanto destaque-se quando critica a crítica à inovação educacional tecnocrática: "Em nome de um verdadeiro racismo ideológico proscree-se do mapa as chamadas 'pseudo-inovações', assim caracterizadas por serem de inspiração tecnocrata, e por desconsiderarem, como tal, as implicações sociais e políticas da ação educativa (...). Proscree-se a própria Tecnologia Educacional enquanto exercício fútil de "consciências ingênuas"; desqualificam-se, como inovação, programas de iniciativa governamental...".

Ideologia aqui perde a vez, a autora está na sua posição de neutralidade, mas há que persistir e lhe indagar — esta "Tecnologia Educacional" a que serve? Cruzando com a "opção política" que é proclamada no final do texto, de que grupo é a opção? De todos? Tecnologia que serve ao "bem geral"? Reflexão da teoria da sociedade planificada de Mannheim?

Para desvendar estas "formas nebulosas", é preciso distinguir alguns traços da ideologia neocapitalista, que está nucleada na "neutralidade". A reformulação do papel e função do Estado e da ideologia dominante são reflexos, por sua vez, de reformulações no processo de produção material capitalista. O processo de concentração de capital, o surgimento das grandes empresas, a forma de produzir monopolisticamente havia que exigir reformulações na supraestrutura, que preservasse melhor a acumulação.

A "nova" ideologia prega o fim do conflito de classes. Seus argumentos fundamentais são: a decomposição do capital e a divisão da propriedade e controle da propriedade. Eliminada a contradição entre classes, o Estado pode assumir uma imagem "socializante", "supra-classes". A pedra angular está na tecnologia (maquinária e organizatória) como móvel da História, e daí os novos "mandarins", os tecnocratas que atuariam na empresa e no estado, retendo o caráter de neutralidade que a ideologia empresta à tecnologia e ao conhecimento tecnocrático. Surgem duas vertentes desta "nova" ideologia: tecnocrática, autoritária propriamente dita e a da

⁵ Os outros trabalhos da autora parecem ser de cunho mais funcionalista.

⁶ Utiliza-se, para finalizar, de uma citação de Rogério C. Leite, que dado todo o contexto do artigo, acaba desvirtuando o autor, formalizando-o. Parece-me que este tipo de desvirtuamento se realiza também com uma citação do artigo do S. Schwartzman, mencionado anteriormente, e que acaba adquirindo nuances distintas do original.

⁷ As obras de Gramsci permitem perceber, principalmente por seu conceito de Estado (Sociedade Civil + Sociedade Política), como nos organismos da Sociedade Civil, e particularmente, na escola, se faz valer a ideologia dominante, dominação entretanto que não se dá ad infinitum, devido as próprias contradições desta ideologia, que cria teorias oponentes.

⁸ Veja-se Manzini Covre, no prelo, Cap. I, quando realizamos a análise dos traços desta "nova" ideologia.

"democracia planejada" (de cunho autoritário também), de Mannheim.⁹

Retomemos os argumentos que alicerçam a ideologia e desvendemos esta "neutralidade". A decomposição do capital em ação leva a dizer que não mais existe um proprietário, a propriedade "coletivizou-se", com a existência de vários proprietários, acionistas, onde pode estar presente o próprio operário. Por outro tanto, a divisão entre propriedade e controle da mesma, leva a dizer que não há mais controle da propriedade por proprietários, mas a ascensão de novos agentes, os administradores; um corpo gerencial provido da técnica organizatória é quem realmente controla o capital, atuando mesmo, por vezes, contra os interesses dos proprietários, com uma busca menor do lucro, propiciando melhores condições de bem-estar à comunidade.

Primeiramente, observe-se que a propriedade continua a existir, mais do que nunca concentrada, e não diluída, porque, na realidade quem rege o jogo político das grandes empresas, são os seus grandes acionistas, que participam, não só da cúpula desta empresa, mas também da financeira, além de outras. Constituem, estes proprietários, os "novos príncipes". É mais do que nunca a propriedade está em poucas mãos. Os administradores, por seu turno, são imprescindíveis aos "novos príncipes" para gerenciar estas empresas de estrutura monopolística, e desta forma eles "controlam" o Capital para estes grandes acionistas; as decisões que aparentemente tomam contra os interesses dos proprietários são, na verdade, necessárias para a própria manutenção e crescimento do Capital¹⁰. Esses administradores tendem a ter valores e formas de vida que os identificam com a pro-

priedade, mesmo porque é a lógica do mercado que vai reger sua ação, já que se a empresa não for capaz de acumular, ele acabará perdendo o seu posto de "funcionário do Capital". Na realidade a tecnologia organizatória é uma forma mais eficaz de propiciar a acumulação. Neste sentido não pode ser pensada como neutra, tem vinculação com a classe dominante. E com ela esboroa-se a neutralidade do Estado, de atuação supra-classe. Qualquer tecnologia organizatória ligada a educação portanto, só pode ser captada com caráter neutro, restrita à "eficiência e eficácia", ao nível da ideologia.

Depreende-se da análise anterior a preocupação que deve ter o educador em detectar se as "inovações educacionais" propostas, atendem aos interesses de "mudanças" da nova etapa do Capital ou se realmente atendem às necessidades reais, no sentido de encaminhar o processo histórico. É preciso estar sempre atento a que objetivos ela serve, à que grupo social ela está engajada¹¹.

Enfim, a educação pode contribuir no processo de transformação social, atuando nas brechas deixadas pelas próprias contradições da ideologia dominante, na criação de contra-ideologias. É imprescindível que os intelectuais (os educadores no caso) percebam¹² essas fissuras, elaborando teorias que tenham vinculações com o real. Estarão, então, propiciando inovações educacionais reais. Finalmente, as "misérias" da ideologia, ou seja da ideologia dominante, podem ser rebatidas pelos educadores com a posse de instrumentos conceituais afinados que lhe permitam analisar e propor modificações na realidade histórica. ●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- C.O.P.I.E. (Conseil Franco Quebois pour la Prospective et L'Innovation en Education) *Écoles de demain?* Paris, Delachaux et Niestle.
- FREITAG, Bárbara, 1979. *Escola, Estado e Sociedade*. Cortez e Moraes, São Paulo.
- LEITE, R.C. de Cerqueira. *Educação e Desenvolvimento*. Folha de São Paulo, 05/07/79, p. 3.
- MANZINI COVRE, M.L. (no prelo). *A formação e ideologia do administrador de empresa*. Vozes.
- MARX, K., 1977. *A ideologia alemã*. Grijalbo.
- PEREIRA, Luis. 1977. *Neocapitalismo: teoria e prática*. In PEREIRA, L. *Anotações sobre o Capitalismo*, Pioneira, São Paulo.
- SCHWARZTMAN, Simon. *A miséria da ideologia e os intelectuais*. Isto é, 31/01/79, pp. 48-49.

⁹ Veja-se, neste sentido, Luis Pereira, 1977. O texto analisa esta vertente manheimiana e destaca como a Sociedade do Desenvolvimento no Brasil foi por ela influenciada, fixando-se na educação como técnica social para promover o desenvolvimento.

¹⁰ Para compreensão do fenômeno administrativo, veja-se Manzini Covre, no prelo, Cap. I e II.

¹¹ Os acordos MEC-USAID, o processo educacional pós-68, exemplificam bem a relação Estado, educação e empresa. Veja-se Manzini Covre, no prelo, Cap. II.

¹² Gramsci apresenta esta perspectiva de a escola (e outros organismos da Sociedade Civil) poderem "conservar e minar as estruturas capitalistas". Veja-se, nesse sentido, Freitag, 1979.